



DADOS DE ÁFRICA (S)

ISSN: 2675-7699

Vol. 03 | Nº. 06 | Ano 2022

EDITORIAL – DADO(S) DE ÁFRICA(S): INSISTINDO EM EXISTIR, APESAR DOS PESARES!

Rodrigo Castro Rezende

Após longos seis anos de ataques à educação brasileira, o final do ano de 2022, com as eleições presidenciais, abre uma nova perspectiva em que se almeja novamente um futuro melhor para os nossos estudantes. A eleição de Lula, com a chamada “Frente Ampla”, entretanto, destinará cargos, inclusive de ministérios, a atores que têm como escopo o identitarismo, o que recairá fortemente nos Estudos Africanos, como já acontece há muito tempo, ou seja, uma África pensada pelas lentes de setores dos movimentos sociais brasileiros, que desconsidera as práticas, costumes, hábitos, usos e outras dimensões da vasta multiplicidade cultural dos povos desse continente.

É no sentido de respeitar as histórias dos povos da África, um continente inventado (mas que tem em seus homens e mulheres protagonistas das suas histórias), que a revista Dado(s) de África(s) tem se firmado no cenário nacional com produções de nossos estudantes. Conscientizando que em vez de tomar os povos desse continente como meros objetos de estudo para fins dogmáticos, tem-se debruçado sobre a possibilidade de não perceber o mundo através do binarismo, do essencialismo e do vitimismo, mas de suas histórias e experiências, que são distintas e, não raras vezes, contraditórias.

Nada disso seria fortuito quando lembramos do preconceito de cor e suas muitas variantes existentes no Brasil, das mazelas inoperantes dos silenciados, dos que estão sempre a margem da sociedade, dos invisíveis e das vítimas do sistema capitalista.

Site/Contato

Editores

Rodrigo Castro Rezende
rodcastrorez@gmail.com

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

O preconceito de cor pode também ser entendido como algo que se desdobra em percepções que são hoje compreendidas por visões essencialistas, que jogam questões de identidade para o terreno da subjetividade, e isto se constitui em arma poderosa que pode dividir a sociedade em várias clivagens. O perigo deste identitarismo é se prender nas reformas eternas, esquecendo-se do fundamental, qual seja, a luta de classes. Não existe inversão da ordem posta se a mesma burguesia liberal, criadora do termo raça, permanecer no poder. Contudo, essa é uma discussão que ultrapassa o presente volume dessa revista.

Neste volume, temos a honra de apresentar oito artigos de brilhantes estudantes que se dedicam ao estudo da África, a partir de vieses diferentes dos engendrados muitas vezes no Brasil. O artigo de abertura, escrito por Fernando Gelado Benzane, “Relação entre Homem, Cultura (Educação) e Sociedade: uma reflexão filosófica”, tem-se uma abordagem do ser humano visto não por essencialismos, mas por sua relação coletiva e cultural. Ao dimensionar que o indivíduo é um ser cultural, Fernando Gelado Benzane demonstra os impactos disso sobre a educação, i.e., não existe uma educação essencialmente universal, mas pensada através do seu escopo social e cultural.

A partir da relação entre cultura e ensino, Domingos Njamba Yeta, no artigo “A família como elemento importante para a vida académica dos alunos: um estudo com alunos da 7ª classe do complexo escolar nº 02 do Ritenda”, aborda a particularidade de um estudo em que se leva em consideração as implicações das vidas familiares no aproveitamento escolar dos estudantes. Assim, define uma visão múltipla do conceito de família em Angola, assim como estratégias possíveis para se combater evasão e “indisciplina” dos alunos na região.

O peso da cultura e da vida coletiva é de suma importância para se entender os diversos povos do continente africano. Seria pouco útil apresentar uma visão globalizante sobre aquele continente. Depois de várias investidas na tentativa de “modernizar” Moçambique e criar o “homem novo”, a FRELIMO se viu incapacitada de levar seu plano a cabo e é exatamente isso que será discutido no artigo de Lurdes José Cossa, “Estratégias político-partidárias da FRELIMO no resgate das autoridades tradicionais: contribuições a partir de Bourdieu, Champagne, Weber e Landé”. A autora discute como as ditas “autoridades tradicionais” desempenhavam um papel importante na sociedade de Moçambique, criando vicissitudes aos intentos da FRELIMO. Destacamos que a autora faz uma análise a partir da história oral, tentando compreender as histórias de vidas de personagens que viveram a tentativa de aproximação com elas feita pela FRELIMO em 1994.

A ideia do denominado “homem novo” aparece em inúmeras regiões do continente africano, o que seria uma forma de modernizar os povos africanos, o que poderia se ler como “ocidentalizar” em grande medida. Com a intenção de demonstrar as questões do

desenvolvimento, destruição e fome no continente africano, João Sicato Kandjo e Waldmar Cahila discutem em “Os organismos regionais para o desenvolvimento da África” questões sobre metas dos organismos econômicos para resolver conflitos políticos em âmbito regional, após as independências africanas, que nem sempre foram eficientes, mas que levaram em consideração as particularidades dos povos do continente africano.

Para entendermos as dificuldades de tratarmos as questões econômicas na África, devemos não apenas ver o continente por seu aspecto macroeconômico, mas entender os pontos de vistas das microeconomias, que muitas vezes apresentam particularidades que não aparecem em um plano mais geral. Essa seria a intenção de Crimildo Mário Cossa e Pedro José Miguel, ao escreverem “Contributo das demonstrações financeiras no processo de tomada de decisões nas pequenas e médias empresas – caso: CMC Acoounting & Serviços, LDA (2017-2019)”, o qual, a partir de demonstrações financeiras, discutem as preocupações de gestores de empresas PMEs, considerando as questões de contabilidades, o que levam vários empresários moçambicanos a ter certas dificuldades nas tomadas de decisões locais, pois não dispõem de informações financeiras confiáveis para calcular e analisar os índices econômicos e financeiros.

Na tentativa de entender as questões das economias regionais, Alfredo Bacia Dumbo, João Sicato Kandjo e Waldmar Cahila analisam as transações comerciais de Angola, em “Transação comercial entre Angola e as maiores economias da SADC: uma aplicação do modelo gravitacional”, levando em consideração como o fluxo populacional influenciam a relação entre importações e exportações entre Angola e os países da SADC. De acordo com esses autores, Angola se aproxima ora da República Democrática do Congo, ora da África do Sul, a partir de fatores que são considerados importantes em dados contextos econômicos.

Das fragilidades econômicas de inúmeras populações do continente africano, tem-se uma série de situações em que os atores devem adentrar naquilo que se denomina de “banditismo social”, o qual um grupo pratica crimes na tentativa de oferecer alguma renda em determinadas comunidades. Assim, Lucas Evaristo Cuaguazina e Rodrigues Nhiuane Cumbane investigam os roubos de carga de veículos em Caprizanje, Distrito de Moatize, Província de Tete, Moçambique, entre os anos de 2015 e 2020, no artigo “Fatores de roubos em caminhões de carga na localidade de Caprizanje, distrito de Moatize, em Tete (2015-2020)”. Estes autores relacionam o roubo de cargas na região a partir de três possibilidades: “a existência de uma subida bastante íngreme na via, a fraca proteção policial e a vulnerabilidade socioeconômica da população local com escassez de meios de sobrevivência”, o que nos demonstra como determinadas populações em certos países são esquecidas por seus governos.

Por último, temos dois autores que trazem uma discussão bastante instigante: Inácio Ernesto Minzo e Verônica Sibinde Mpanda, com o texto intitulado “Implementação de projetos

de investimentos e as colaterais estabelecidas pela banca no financiamento aos Start-ups. Caso Banco Nacional de Investimento, 2015-2020”, no qual analisam com preocupação a integração financeira e econômica de Moçambique, a partir da falta de emprego. Isso faz com que os jovens moçambicanos tenham que recorrer a obtenção de capital financeiro para iniciarem seus próprios negócios, já que não há tantos empregos oferecidos no país. O que ocorre, muitas vezes, é que esses jovens não conseguem créditos no Banco Nacional de Investimentos em função dos riscos de créditos que essa instituição acaba percebendo nos jovens, o que pode contribuir para a situação vista no artigo anterior de “banditismo social”.

Em resumo, temos mais este brilhante número de Dado(s) de África(s) com artigos importantes para pensarmos a multiplicidade do continente africano e suas dificuldades atuais.

Esperamos por vocês!

Boa leitura!

Rodrigo Castro Resende